

Astros em vida, astros para a morte: sinais mágicos na produção estética pessoana

[Stars in life, stars in death:
magical signs in Pessoa's aesthetic production]

Ana Clara Magalhães de Medeiros*
Daiane Rodrigues da Silva**

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Astrologia, Heterônimos, Raphael Baldaya, Morte.

Resumo

A astrologia como chave de leitura da obra de Fernando Pessoa permite compreender o papel dos astros na sua produção artística e na construção do seu universo literário. Partindo dos estudos de Paulo Cardoso sobre documentos do espólio pessoano, este artigo analisa de que modo a astrologia influenciou a escrita de Pessoa, os seus relacionamentos e a criação dos heterônimos. O ortônimo elaborou cuidadosamente os mapas astrais de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, alinhando-os ao seu próprio mapa. O estudo aborda ainda o legado de Raphael Baldaya, autor de textos filosóficos e tratados astrológicos, buscando aprofundar uma faceta ainda pouco explorada da obra pessoana e a relação simbólica entre astrologia, vida e morte no universo de Pessoa.

Keywords

Fernando Pessoa, Astrology, Heteronyms, Raphael Baldaya, Death.

Abstract

Astrology as a key to reading the work of Fernando Pessoa sheds light on the role of the stars in his artistic production and in the construction of his literary universe. Drawing on Paulo Cardoso's studies of documents from Pessoa's archive, this article examines how astrology influenced Pessoa's writing, personal relationships, and the creation of his heteronyms. Pessoa carefully devised the astrological charts of Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, and Ricardo Reis, aligning them with his own. The essay also explores the legacy of Raphael Baldaya, author of philosophical texts and astrological treatises, in order to examine this still underexplored dimension of Pessoa's work and the symbolic relation between astrology, life, and death in his universe.

* Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

** Universidade de Brasília.



A primeira morte: Fernando Pessoa

Um dos maiores interesses de Fernando Pessoa foi a astrologia, utilizada por ele como guia do seu cotidiano e da sua escrita. Os astros foram tão fundamentais que, na biblioteca particular do autor, há cerca de 29 exemplares sobre artes astrológicas. Os astros incidem sobre a produção literária: os heterônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos receberam, de seu criador, mapas astrais com características de suas personalidades e modos de escrita. É imprescindível mencionar que, ao criar mapas astrais de heterônimos, Pessoa o fez conectando-os com seu próprio mapa astral, considerando que os horóscopos heteronímicos apresentam o planeta da literatura (Mercúrio) na Casa VIII: “Isto é muito mais do que uma coincidência, pois aquele planeta simboliza, também, a irmandade, e Pessoa estava não só a ‘converter-se, ele só, em uma litteratura’ como a criar uma espécie de ‘fraternidade astral’” (PESSOA, 2011: 14). Claro está que o mapa astral dele mesmo, Pessoa, torna-se matricial para a relação dialógica entre poetas e mapas, sendo a astrologia fundante também para a produção do ortônimo.

A astrologia possibilitou que o mito-poeta astrólogo pensasse, através dos astros, sobre a morte: “A morte foi, para Pessoa, se não uma obsessão, uma grande e permanente interrogação. No espólio pessoano existem dezenas de páginas com cálculos e reflexões sobre este tema, na sua grande maioria relacionados com a morte do escritor” (PESSOA, 2011: 15). A recorrência dessa temática na obra do ortônimo e dos heterônimos é demasiada, a ponto de reforçar a inquietação do escritor sobre o trespasse em todas as suas facetas.

No documento “Hypotheses sobre os significados da Morte” (Fig. 1), Pessoa mostra a Morte representada pelos astros, utilizando os mecanismos de conjunção de malefícios para identificar aspectos prejudiciais à vida.

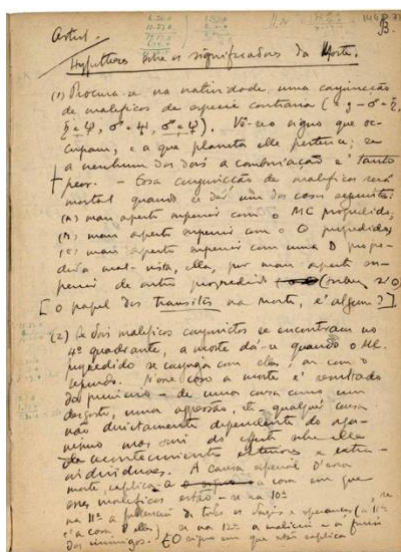


Fig. 1. “Hypotheses sobre os significados da Morte”, encimado por “Astrol.” (BNP/E3, 144P-77^a).

A composição astral dos mapas dos heterônimos está alinhada com o próprio mapa do ortônimo em diversos posicionamentos, como já apontamos. Enfatiza-se o fato de o ascendente de Pessoa pertencer ao signo de escorpião, enquanto Caeiro figura com ascendente em leão, Campos em capricórnio e Reis em aquário. O astrólogo Paulo Cardoso assinala:

[...] mais um dos factores curiosos que têm em comum. Se considerarmos apenas os “signos Ascendentes” dos quatro horóscopos, verificamos que:

- Fernando Pessoa pertence ao elemento ÁGUA
- Alberto Caeiro ao elemento FOGO
- Álvaro de Campos ao elemento TERRA
- Ricardo Reis ao elemento AR.

Que se pode concluir? Que a família heteronímica detinha a PLENITUDE dos princípios fundamentais da filosofia ancestral; e que constituía, em suma e simbolicamente, algo de absoluto e indivisível.

(PESSOA, 2011: 11)

A plenitude astral presente nos ascendentes diz-nos algo sobre a escolha de Pessoa de ter o seu próprio ascendente situado no signo de escorpião, pertencente ao elemento água, que representa tudo que se perde no passado e marca o indivíduo até o presente: “Os planetas e casas em água nos dizem que é aí que relativamos os fatos, pois o universo desse elemento as coisas são imensuráveis e incompreensíveis pela razão. [...] A subjetividade, os movimentos de interiorização e a realidade revestida de significado psíquico são algumas das expressões desse elemento enigmático e de difícil compreensão” (LISBOA, 2023: 53). Alinhando o elemento do ascendente de Pessoa, chegamos na Casa VIII, “a chamada Casa da morte (a VIII), igualmente conhecida por Casa da saúde (a 6)” (PESSOA, 2011: 41). Assim, podemos associar a poesia pessoana à profundidade da água enquanto se define “em duas palavras: decomposição e morte. É ela que identifica como uma e a mesma voz, as vozes tão diferentes, na aparência, de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa ele mesmo. O que a simbólica da água nos revela, em todos, é uma mesma recusa de ser e de viver” (CENTENO, 1985: 40).

Ao criar um mapa astral para três heterônimos alinhando-os ao próprio, Fernando Pessoa enfrentou um processo complexo. Cardoso (em PESSOA, 2011) explica sobre essa plenitude astral ao mencionar que não é usual quatro personalidades terem aspectos em comum como, por exemplo, Mercúrio na Casa VIII, que, além de ser o planeta da literatura, simboliza os irmãos. Para três mapas astrais apresentarem esse mesmo posicionamento, Cardoso aborda que “No caso de serem três indivíduos, como acontece com os três heterônimos, a probabilidade de ser um acaso é raríssima” (PESSOA, 2011: 83). O mesmo vale para os ascendentes, visto que os mapas astrais são permeados de muitas técnicas e estudos que Pessoa adquiriu com o tempo. Não há como ser mera obra do acaso os mapas astrais dos quatro autores formarem uma família astral. Consolida-se, desde a conformação astral, o interesse

peçoano em arquitetar uma mitologia a seu próprio respeito, como se verá neste artigo.

A Casa da morte é relacionada a Escorpião, Marte e Plutão, mas também aborda temas como morte e sexo: “Curiosamente, a morte na astrologia não se encontra representada na última casa. A bem da verdade, o que ela indica é como encaramos as perdas [...] simboliza é que aprendemos que as coisas têm fim [...] as separações e seus desdobramentos também são temas dessa casa, por serem experiências de perda” (LISBOA, 2023: 184). Nessa linha, cumpre dizer que a morte e a perda já são simbolizadas no mapa astral de Fernando Pessoa, especialmente pelo seu ascendente, sendo temáticas abordadas especialmente ao perder seus entes queridos, desde a tenra infância.

Assim, é “a imagem da água sempre idêntica, lugar de dissolução, água morta como o ser que procura exprimir-se e se derrama, se esvazia, num mundo de sensações que dão vertigem – é a água que lhe dá a unidade. A água é para Fernando Pessoa o reflexo de um vazio que não tem explicação. O poeta destrói-se nela, em vez de se salvar” (CENTENO, 1985: 41). A simbologia em torno da água dá indícios dos caminhos que Pessoa percorrerá para elaborar seu mapa astral. Essa água morta que CENTENO (1985: 41) aborda em relação ao poeta está presente no seu ascendente, sendo refletida na sua vida.

A incerteza quanto ao horário de nascimento de Pessoa impactou significativamente a elaboração de seu mapa astral. Em 1918, escreveu ao editor do *British Journal of Astrology* encomendando dois horóscopos; um deles era o *Epoch*, que se refere ao momento da sua concepção, considerando-se que havia certa instabilidade sobre o minuto em que nasceu. Pessoa enumerou momentos marcantes de sua vida, sendo o principal a morte de seu pai, em 13 de julho de 1893. Revisitar o passado, com a morte guiando o poeta português, levou-o a desenhar diversos mapas astrais. Essa obstinação tornou-se mórbida, sendo expressa na lista que Cardoso (em PESSOA, 2011: 50; BNP/E3, Sinais 2-22) aponta como técnica envolvendo o posicionamento da Lua com cada ano de vida a 4 graus, logo gerando um método de previsão que indicou:

O primeiro evento referido é a morte do pai; ver (O): “Father's death exact to the day”. Conclui, pois, que a morte do pai ocorreu exactamente no dia em que aquele método de prognóstico o indicava – “5 anos de idade e 1 mês”. [...] O segundo relaciona-se com a morte do irmão (P). Aqui Pessoa anota que o facto se deu com um rigor de 4 dias, e teve lugar aos “5 anos e 6 meses e ½”. [...] O quinto, aos “13 anos e ½mês, estaria relacionado com o momento exacto da morte da irmã “exact to sister's death” (R). [...] O sétimo, com “18 anos e 7 meses”, estaria relacionado com a morte de Maria Clara (“Maria Clara's death”) (T). [...] O décimo, que aconteceu aproximadamente dois meses depois dos “27 anos e 7 meses”, logo, por volta dos 27 anos e 9 meses, seria a morte de Sá-Carneiro. Pessoa anota: “MC measures nearby to Sá-C[arneiro]'s. death” (W).

(PESSOA, 2011: 51)

Fernando Pessoa, ao relacionar astrologia e falecimento em diversos apontamentos, sugere uma tentativa de interpretar certos acontecimentos marcantes da vida à luz de padrões astrológicos, como no caso da morte de seu pai. A morte atravessa grande parte de suas facetas criativas e parece ocupar um lugar central na elaboração literária das perdas que marcaram a sua trajetória pessoal. Nesse sentido, Pessoa incorpora a morte como tema recorrente da sua obra, estendendo essa lógica ficcional também ao universo heteronímico, incluindo a morte daquele que concebeu como mestre dos heterônimos, Alberto Caeiro.

De estudante de astrologia¹ para astrólogo, subsiste, nesse percurso, a investigação sobre a morte, especialmente: quando morreria e em qual período sua vida estaria em risco. Aprofundar-se na perda já ocorrida de seus familiares e do amigo Mário de Sá-Carneiro foi a ferramenta mais sólida de que se utilizou. Partindo de como os astros estavam alinhados nos mapas astrais dos seus entes queridos, Pessoa conseguiu aprofundar-se astrologicamente na interrogação sobre a morte dos outros e da sua:

[...] interrogou-se sobre a sua morte em diferentes textos mais ou menos desenvolvidos, manuscritos e dactilografados, em português e em inglês, nos quais analisou quase sempre os mesmos factores astrológicos: o Sol, por ser o dador da vida e símbolo da vitalidade; os planetas relacionados com o signo Ascendente, porque governam o corpo físico; e a chamada Casa da morte (a VIII) e a chamada Casa da saúde (a 6).

(PESSOA, 2011: 41)

Além do falecimento de seus familiares ter sido citado na listagem acima, o suicídio de seu amigo poeta é um marco nos estudos astrológicos pessoanos sobre o *tres-passe*. Sá-Carneiro faleceu em 26 de abril de 1916, depois de grande inquietação e de inúmeras consultas a Pessoa sobre a ocasião de sua morte. Posteriormente, Paulo Cardoso (PESSOA, 2011: 230) aponta que o texto da Fig. 1, “Hypotheses sobre os significados da Morte”, reforça que Pessoa abordou esse assunto de forma mais intensa, portanto: “É possível que os estudos e cálculos astrológicos acerca de Sá-Carneiro tenham motivado Pessoa e tenham dado mais elementos para escrever sobre os significadores da morte. De facto, depois deste texto, o autor volta ao tema Sá-Carneiro, analisando outras vertentes do seu mapa, e alguns períodos astrológicos da vida do poeta” (PESSOA, 2011: 230).

Outro aspecto a destacar é o amadurecimento no meio astrológico, que Pessoa adquiriu com inúmeros estudos, cálculos e leituras². Ainda, apresentou entusiasmo pelo seu futuro, no sentido de realizar uma *Obra*, pois elaborou uma calendarização

¹ Fernando Pessoa, em 1915, pede, em carta ao editor de *A Thousand and One Notable Nativities*, de Alan Leo, pelo horóscopo de Francis Bacon. Em tal carta, menciona: “I am a student of astrology”.

² Na biblioteca de Fernando Pessoa, há cerca de 29 livros sobre artes astrológicas. É possível acessar os títulos das obras pelo site: <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/index.htm>

do tempo de vida disponível para gerir seu tempo de produção artística. Logo, a astrologia foi um meio de estruturação e planificação da vida do artista e da sua obra (PESSOA, 2011: 58). Queremos, com isso, dizer que há relação entre os dados astrológicos e as datas, reais ou fictícias, associadas aos momentos capitais da emergência, da biografia e da produção dos heterônimos.

Um texto importante a enfatizar é o documento (BNP/E3, Sinais 2-28^r) em que o mito-poeta analisa seu próprio horóscopo, a fim de observar algum traço letal, citando os elementos essenciais Sol, Lua e Ascendente como definitivos sobre sua morte. Vejamos:

A morte ocorre quando um aspecto definitivamente mau afecta esse ponto mais livre no horóscopo”. Considerando estas premissas, Pessoa acrescenta que, no seu caso, “O dador da vida é o Sol, dado que ambos os outros factores, a Lua e o Ascendente, se encontram atormentados por Saturno, e explica as razões que o levaram a tal conclusão: a Lua “recebe uma conjunção”, o Ascendente “uma quadratura”. Depois pergunta: “Qual, no entanto, é o aspecto relativo ao Sol que pode ser entendido como o mais rigoroso?”; “Pondo de parte as direcções lunares, por causa da sua fraqueza, e a sua diferente função”, podem, diz Pessoa, “ser considerados os aspectos de Mercúrio, que é o planeta regente da [Casa] VIII, pois é o sector do horóscopo tradicionalmente ligado à morte.

(PESSOA, 2011: 64)

Ademais, a listagem menciona novamente aspectos sobre o Sol, este “dador de vida” e revela-nos informações fundamentais. Começa em agosto de 1909 e acaba em fevereiro de 1936. Há elementos que constituem aspectos positivos, não ameaçando a vitalidade do escritor. Contudo, há outros que poderiam ser interpretados como “perigosos” (PESSOA, 2011: 65). No penúltimo tópico, o sol faz conjunção com o Meio do Céu, sendo essa uma parte do mapa astral que simboliza o destino. Cardoso menciona que

O “dador de vida” chega ao seu clímax, encontra-se com o símbolo do destino, do objectivo da vida, ou com o seu fim. O Meio do Céu (MC) é o território tradicional de Saturno, planeta entendido como maléfico, e que no caso de Pessoa está numa posição extremamente vulnerável, o que acrescenta perigo a esta conjugação [...] Sol tem o peso acrescido de ser um factor determinante da sua morte, como ele mesmo o designou. Digamos que por volta de Maio de 1935 (data apontada) Pessoa entraria numa fase de perigo acrescido. [...] elemento que faltava na vulnerável trilogia citada por Pessoa: a “Lua”. Este novo elemento faz com que entre Maio de 1935 e Fevereiro de 1936 todos os factores de risco letal citados no texto sejam convocados (“o Sol, a Lua e o Ascendente”).

(PESSOA, 2011: 66)

Os dados disponíveis, aliados à incerteza em torno da hora de nascimento de Fernando Pessoa, dificultaram tanto para o escritor quanto para outros astrólogos a elaboração precisa de seu mapa astral. Segundo Paulo Cardoso, uma alteração de apenas dois minutos no horário indicado por um astrólogo inglês – de 15h11m49s

para 15h13m49s – deslocaria a chamada “data cume” de maio para o final de novembro de 1935 (PESSOA, 2011: 66). Esse dado permite supor que Pessoa via a astrologia não apenas como instrumento de interpretação do futuro, mas também como forma de organizar simbolicamente sua trajetória. Nesse contexto, é possível relacionar esse interesse à publicação de *Mensagem*, em 1934, e à célebre carta sobre os heterônimos enviada a Adolfo Casais Monteiro em janeiro de 1935, dois momentos decisivos na construção de sua auto-mitificação literária.

Cardoso dividiu em três grandes grupos os documentos astrológicos pessoanos, sendo o terceiro um conjunto de textos produzidos na época mais madura de Pessoa, na prática da astrologia. Ora, trata-se justamente do grupo dos astros pré-morte do escritor. A publicação de *Mensagem* e o envio da carta sobre a gênese dos heterônimos foi a escolha do poeta no seu período mais maduro de estudos astrológicos, sendo uma espécie de legado final no momento que acreditava ser o derradeiro de sua existência.

Como se vê, Pessoa erigiu para si a imagem do mito – brilhante, sim; certamente não mudo. Estamos, sem dúvida, dialogando com o fundamental texto de Eduardo Lourenço: “Fernando, rei da nossa Baviera”, em que o ensaísta questiona: “Em suma: como e porquê, Pessoa se converteu num mito?” (LOURENÇO, 2008: 11). Fabulou-se um Pessoa-mito, forjado nos astros, nas cartas que enviou, nos fatos e pessoas que inventou, na poesia que multiplicou. Ocorre que, do Pessoa mito, adveio o mito-Pessoa, a ponto de o crítico português afirmar: “Ofuscadas por uma presença tão soberana, várias vozes, algumas de naturais candidatos à sua sucessão, se têm insurgido contra esta confiscação da nossa vida cultural pelo mito-Pessoa. Em vão” (LOURENÇO, 2008: 11).

Essa leitura simbólica do destino e da morte que vimos realizando aproxima-se do que Eduardo Lourenço chama de “Pessoa-mito”. Insistimos aqui que a astrologia levanta-se como um dos pilares de sustentação da mitificação em torno de Pessoa. De certa maneira, pelas ficções forjadas pelo poeta de Lisboa, somos levados a crer que os astros incidem como elemento de resposta à mais uma indagação de Lourenço: “Como pôde um Poeta que subverteu os fundamentos do nosso moderno lirismo efusivo e sentimental, o nosso coração a tiracolo, o nosso heroísmo de encomenda por conta de Camões, a nossa vida toda em diminutivos, ter-se convertido no ídolo que agora tem o seu nome?” (LOURENÇO, 2008: 11). À pergunta, acrescentaríamos: como pôde um Poeta que subverteu a racionalidade tecnicista da abertura do século xx inscrever-se como um dos máximos nomes da literatura mundial daquele século? Já sabemos, com Lourenço, que “o Modernismo foi a sua e nossa ficção” (LOURENÇO, 2008: 26), sendo a sua “verdade-ficção” última: “a sua dolorosa realidade de amante da Morte”, à maneira do Rei Luís II, da Baviera (LOURENÇO, 2008: 26). Pelos caminhos inscritos nos astros de um apaixonado pela morte, avançemos, então.

A morte do mestre ariano: Alberto Caeiro

O mestre Alberto Caeiro impacta por sua simplicidade no modo de escrita e na vida levada. Ariano, com energia solar presente no seu ascendente em Leão, ao ser morto por Pessoa nesse universo literário criado, leva consigo todo calor e vida dos que em torno dele orbitam: Pessoa, Campos e Reis. O trabalho minucioso do poeta português em redigir um mapa astral que ateste o falecimento do mestre evidencia quão vulnerável pode ser existir no universo pessoano.

Alberto Caeiro nasceu em 16 de abril de 1889, às 13h45, em Lisboa, e faleceu por tuberculose, na mesma cidade, em 1915:

Ou vem contradizê-lo parcialmente, uma vez que Pessoa estabelece o ano da morte de Caeiro como 1915; terá escolhido essa data em 1916, após o suicídio do seu amigo Mário de Sá-Carneiro, a 26 de abril. E, porém Pessoa continuou a escrever a poesia de Caeiro mesmo depois de 1915. Por outras palavras, se admitirmos as datas fictícias de nascimento (1889) e morte (1915) de Caeiro, então teria sido Pessoa, ou Pessoa *qua* Caeiro a corrigir alguns dos poemas de Caeiro.

(PIZARRO, 2023: 89)

A morte marcou alguns poemas inconjuntos do heterônimo-mestre, como aqueles datados a 7 e 8 de novembro de 1915, em que diz o eu poético: “Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, | Não ha nada mais simples. | Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte. | Entre uma e outra coisa todos os dias são poemas” (CAEIRO, 2018: 92). O heterônimo indica pressentir o fim de sua vida em: “Quando vier a Primavera, | Se eu já estiver morto, | As flores florirão da mesma maneira | E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada. | A realidade não precisa de mim” (CAEIRO, 2018: 90).

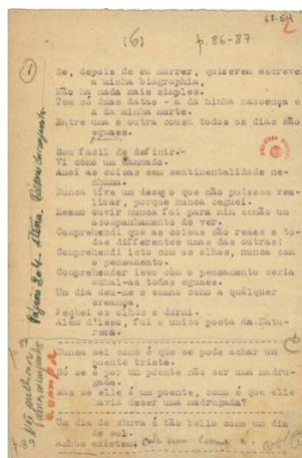


Fig. 2. Do poema “Se, depois de eu morrer quiserem escrever a minha biographia” (BNP/E3, 67-54’).

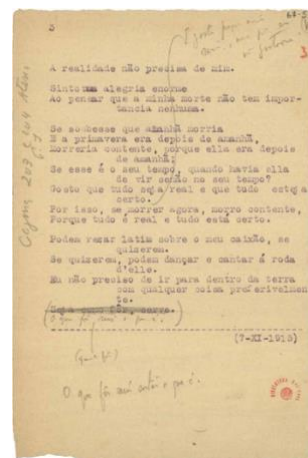


Fig. 3. Do poema “Quando vier a primavera” (BNP/E3, 67--52’).

A numerologia e os enigmas tornam a atmosfera suspeita em relação a Caeiro. Dado que pertencente ao “signo Solar, Carneiro, o primeiro do Zodíaco, o número UM, e um signo do elemento fogo. Ele simboliza o fogo primordial, o líder, o mentor e o mestre. Não se sabe se o próprio apelido Caeiro não terá surgido de Carneiro, tal como o título *Mensagem*” (PESSOA, 2011: 71). Sobre *Mensagem*, único livro em língua portuguesa publicado por Fernando Pessoa durante sua vida, Cardoso complementa: “Não se sabe se o próprio apelido Caeiro não terá surgido de Ca[rn]eiro, tal como o título *Mensagem* nasceu de Mens ag[itat mol]lem, que poderia traduzir-se como ‘O espírito move a matéria’” (PESSOA, 2011: 71).

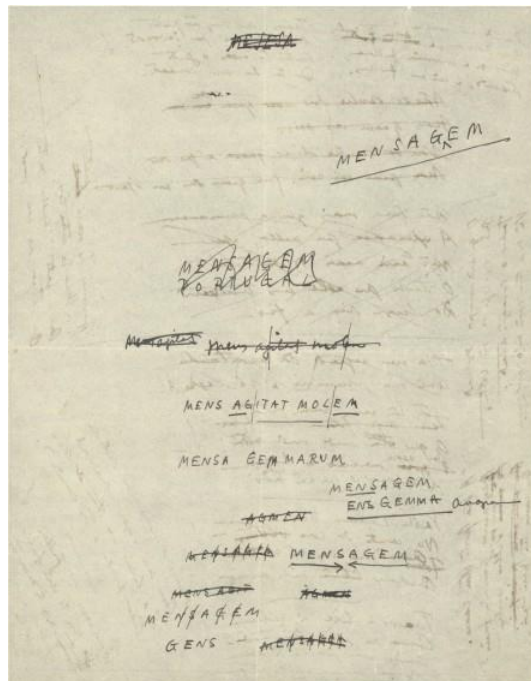


Fig. 4. Nomenclatura de Mensagem (BNP/E3, 17-51').

Há elementos que unem Caeiro e Sá-Carneiro, como o nome e a idade iguais: “A homenagem ao amigo Sá-Carneiro estaria no próprio nome do heterônimo”, segundo Richard Zenith, já que Caeiro é Carneiro sem a carne. Ainda observando que “seu signo do zodíaco era, evidentemente, Carneiro [Aries]” (CAVALCANTI, 2011: 256). Morreram aos 26 anos, “Ambos os poetas teriam morrido jovens por terem sido fadados com o amor dos Deuses – “Morrem jovens os que os Deuses amam”, escreve Pessoa por volta de 1924 – e o desaparecimento de Ca[rn]eiro parece motivar o de Caeiro” (PIZARRO, 2023: 11).

Antes de sua partida definitiva, Sá-Carneiro escreve a Pessoa uma carta, em 18 de abril de 1916, na qual menciona a astrologia. O interesse tão dominante pelos astros influenciou as relações pessoais de Fernando Pessoa a tal ponto que, nessa carta, Sá-Carneiro pede ao amigo: “Veja o meu horóscopo. É agora, mais do que nunca, o momento. Diga. Não tenho medo.” Como o suicídio de Mário de Sá-Carneiro trouxe um luto intenso para Fernando Pessoa, os astros foram o seu refúgio. Com

isso queremos dizer que: para além do uso diário da astrologia, ela tornou-se ferramenta de enfrentamento do luto. Os astros apontam as dicotomias do mundo: vida e morte, felicidade e tristeza, dor e contentamento; por isso, o poeta português desenvolveu praticamente uma obsessão pela morte e por como os astros podem indicar o fim da vida. Antes do autoaniquilamento de seu amigo, Pessoa já estudava aspectos astrológicos ligados ao falecimento de seus familiares e figuras públicas.

Contudo, ao matar Alberto Caeiro, o ortônimo justificou que Júpiter, o regente da Casa VIII (morte) teve um aspecto desafiador ao Sol, regente do ascendente em Leão, que rege o corpo físico e a vida. Devido a isso, o mestre ariano foi morto: “A causa dessa morte é nos revelada tanto no prefácio, como na carta a Adolfo Casais Monteiro: tuberculose (tal como o pai de Pessoa). [...] Mercúrio (que rege os pulmões e o sistema respiratório) está na Casa VIII (casa da morte). A Casa VIII indica, por norma, o tipo de morte do nativo, e a sua presença nesse sector é já um primeiro sinal de fragilidade dessa parte do corpo” (PESSOA, 2011: 77).

Uma relação que se assemelha com Pessoa e Sá-Carneiro é a de Montaigne e La Boétie. Um de seus ensaios é sobre a amizade, e nele é possível relembrar o quão doloroso foi para Montaigne perder seu amigo. “Montaigne was able to speak of La Boétie ‘more affectionately’ after his death than during his life” (MAGNIEN, 2016: 108). Assim, ensaiar durante o luto é registrar a incompletude, a perda e a aflição. Nos escritos de Pessoa e Montaigne, é notável que, ao perder um amigo, a literatura é um meio de dar vida à memória dos que se foram, um mecanismo de elaboração criativa da perda.

A ausência de Caeiro é lamentada por Álvaro de Campos em *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*. Tal prosa lutuosa é essencialmente “projecto literário mais elaborado, extenso e de maior importância, em relação à exegese da obra de Fernando Pessoa, de toda prosa de Álvaro de Campos. As ‘Notas’ contêm uma apresentação viva e cuidadosa de Caeiro, Reis, Mora e Pessoa, bem como necessariamente, do próprio Campos, o narrador, que na sua autodescrição se diferencia das outras figuras e revela a sua individualidade” (em PESSOA, 2014: 691). A prosa expressa o quão devastador foi para o heterônimo libriano perder seu mestre:

Nunca vi triste o meu mestre Caeiro. Não sei se estava triste quando morreu, ou nos dias antes. Seria possível sabê-lo, mas a verdade é que nunca ousei perguntar aos que assistiram à morte qualquer coisa da morte ou de como ele a teve. Em todo o caso, foi uma das angústias da minha vida — das angústias reais em meio de tantas que têm sido fictícias — que Caeiro morresse sem eu estar ao pé dele. Isto é estúpido mas humano, e é assim. Eu estava em Inglaterra. O próprio Ricardo Reis não estava em Lisboa; estava de volta no Brasil. Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse. O Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro. Nada me consola de não ter estado em Lisboa nesse dia, a não ser aquela consolação que pensar no meu mestre Caeiro espontaneamente me dá. Ninguém é inconsolável ao pé da memória de Caeiro, ou dos seus versos; e a própria ideia do nada — a mais pavorosa de todas se se pensa com a sensibilidade — tem, na obra e na recordação do

meu mestre querido, qualquer coisa de luminoso e de alto, como o sol sobre as neves dos píncaros inatingíveis.

(PESSOA, 1931: 451)

Além de termos relacionado a morte de Sá-Carneiro a Caeiro, consequentemente o luto é potencializado, dividido e transmitido entre a realidade e a ficção. Para Campos, viver e morrer é pertencer a outrem, sendo o mesmo: “Mas viver é pertencer a outrem de fora, e morrer é pertencer a outrem de dentro. As duas coisas assemelham-se, mas a vida é o lado de fora da morte. Por isso a vida é a vida e a morte a morte, pois o lado de fora é sempre mais verdadeiro que o lado de dentro, tanto que é o lado de fora que se vê” (PESSOA, 2014: 447).

A perda de Caeiro delimita incrivelmente um luto heteronímico, expresso minuciosamente em *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*, ao mencionar ser uma angústia de sua vida, real em meio a tantas outras angústias fictícias.

O horóscopo e a morte: Raphael Baldaya

“Raphael Baldaya foi este praticante e teórico da astrologia concebido por Fernando Pessoa [...] com objetivos de emular alguns teósofos ingleses, escrever textos de índole ocultistas e ganhar algum dinheiro” (em PESSOA, 2013: 443). Vale assinalar que Baldaya aparece na correspondência com Sá-Carneiro, ou seja, a sua constituição como figura (e como enredo) é contemporânea da concepção do heteronimismo. Na obra *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*, Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari complementam sobre o astrólogo:

Autor de um “Tratado de Astrologia” (90 - 6), do célebre “Tratado de Negação” (*Textos Filosóficos*, 1968, tomo 1, pp. 42-44), e de “Principios de Metaphysica Esoterica” (*Fernando Pessoa et le Drame Symboliste*, 1977, p. 510), escritos por volta de 1915, quando os seus textos eram ainda projectados e escritos em português; candidato a autor de “Novo Tratado de Astrologia” (16A-50), de um “Systema de Astrologia” (144P-36r) e de uma “Introd[ução] ao estudo do occultismo” (144P-36r). Sepharial português que pretendia divulgar a astrologia, vender manuais (cf. “The Theory of Periods in Astrology” [“A Teoria dos Períodos em Astrologia”], 90¹-16r; “The Doctrine of Transits” [“A Doutrina dos Trânsitos”], 90¹-1r), escrever folhetos (cf. “Astrology Book on War”) [“Livro Astrológico sobre a Guerra”], 133M-98v), e provavelmente, responder a consultas públicas; astrólogo por correspondência, que, como outros colegas do mesmo ramo, tencionava cobrar pelos estudos astrológicos que elaborasse, analisando o perfil do nativo e fazendo previsões.

(PESSOA, 2013: 442)

Em contraposição ao ortônimo e ao mestre Caeiro, quando se trata da morte em Raphael Baldaya, não há uma presença numerosa de textos assinados pelo autor fictício. O surgimento dessa *persona* se dá após 1915, com Pessoa já alinhado com os astros, na atribuição das obras *Systema de Astrologia* e *Introdução ao estudo do occultismo*.

A aparição de Baldaya se assemelha à de Caeiro, visto que surgiu depois do processo teórico e prático da astrologia e na “era” do heteronimismo:

Caeiro surge depois e não antes de *O Guardador de Rebanhos*, não assina nenhuma carta astrológica e o seu nome apenas figura em alguns escritos teóricos. De facto, é a Pessoa e não a Baldaya que estão dirigidos certos pedidos de horóscopo [...] Daí que me pareça necessário atribuir as cartas astrológicas a Pessoa e não a Baldaya, embora seja interessante e até engraçado considerar que Pessoa se ocultou algumas vezes sob a máscara de um astrólogo de longas barbas, como escreveu Mário de Sá-Carneiro em carta de 24-XII-1915.

(Pizarro, em PESSOA, 2011: 23)

Logo, o estudante de astrologia já tinha elaborado cartas astrológicas antes de criar o astrólogo Raphael Baldaya, que também cobrou de 500 a 5000 réis pelos seus trabalhos, como atesta a Fig. 5.

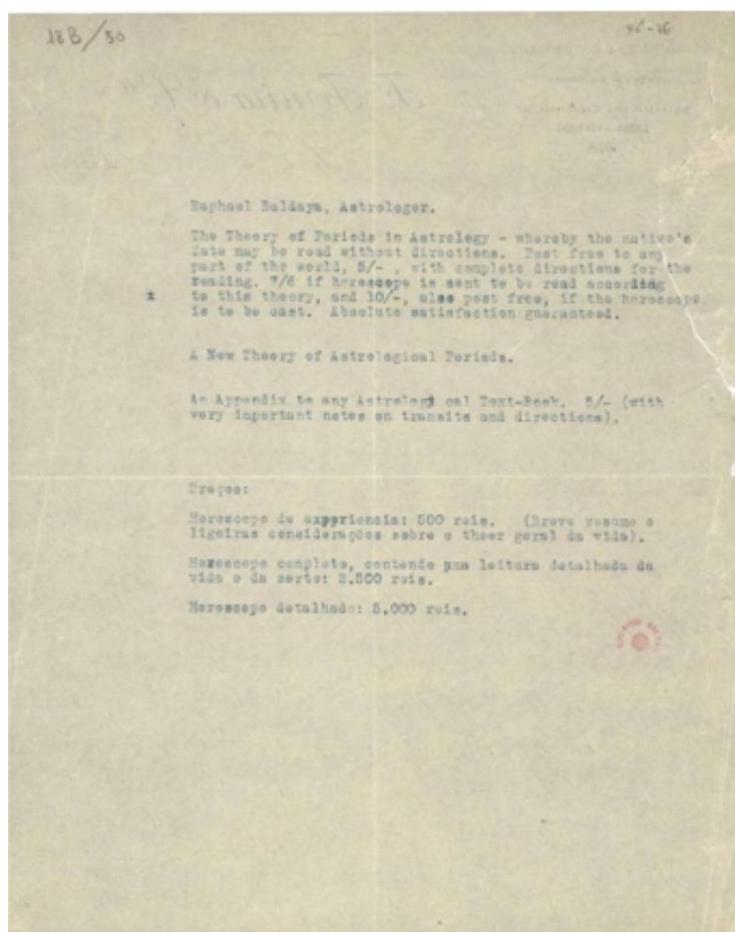


Fig. 5. Raphael Baldaya, Astrologer (BNP/ E3, 90'- 16').

O texto “Astrology – A Doutrina dos trânsitos”, com autoria de Baldaya, menciona a morte em aspectos significativos pelo viés crítico e teórico sobre o papel da astrologia na compreensão da morte e do que pode haver após esta:

O horóscopo não relata o que há antes do nascimento, nem o que há depois da morte, embora se possa admitir que aspectos (direcções) em retrocesso, e em sucessão da morte, possam indicar certos fenómenos externos relativos à vida, por assim dizer, pré-natal e pós-mortal do indivíduo. Isto, porém, é duvidoso.

A vida é essencialmente acção, e o que o horóscopo indica é a acção que há na vida do nativo. Três coisas não há que buscar no horóscopo: (1) as qualidades fundamentais do indivíduo, quanto ao seu grau íntimo; (2) o ponto de partida social da sua vida; (3) o que resulta dele, e da vida que teve, depois da morte. Tudo, menos isto, o horóscopo inclui e define.

Não pasmemos de que seja apagado e fruste o horóscopo de tal grande artista que foi célebre só depois de morto: o horóscopo indicará qualidades artísticas (em grau que não podemos medir) e indicará obscuridade. Tudo será indicado em abstracto; só uma vidência nossa o poderá concretizar. (Tal é o sentido do primeiro apótema de Ptolomeu.)

Exemplificando melhor: um horóscopo de poeta dramático poderá ser determinado como tal poderá, adentro desse horóscopo, ser indicada uma certa fama e um certo proveito. À parte isso, o horóscopo pode ser o de Shakespeare ou o de um poeta dramático de inferior nota, que, na época em que viveu, tenha tido uma vida, quanto a fama e proveito, idêntica ou semelhante à de Shakespeare. O horóscopo revela, pouco mais ou menos, o que o mundo vê. Nunca devemos esquecer este pormenor importantíssimo. Sem ele nada faremos da astrologia.

(PESSOA, 2011: 105-106)

É notável que os escritos astrológicos de Raphael Baldaya diferem, em certa medida, da produção astrológica do ortônimo, por apresentarem um carácter mais sistemático, crítico e teórico. A ele é atribuído um Tratado de Astrologia organizado em capítulos, no qual se expõem não apenas os fundamentos da astrologia, mas também esquemas interpretativos e reflexões conceituais sobre a articulação entre diferentes elementos astrais. Nesse contexto, Baldaya procura delimitar o alcance do horóscopo, advertindo contra usos excessivamente especulativos. Embora reconheça a relação dos astros com os processos da vida e da morte, sustenta que o horóscopo não permite compreender aquilo que precede o nascimento ou sucede a morte, restringindo-se aos acontecimentos situados entre esses dois marcos da existência, seja ela real ou fictícia. Para tal autor, há um limite que os astros não ultrapassam, sugerindo não buscar tais aspectos no horóscopo, como qualidades fundamentais e o que resultará depois da morte, visto que o reconhecimento de um artista em relação ao seu trabalho pode ser tardio, “caso isso não estivesse escrito nas estrelas, os astros poderiam deixar um trabalho de alto nível encoberto por um nevoeiro durante algum tempo, como aconteceu com o próprio Pessoa” (RIBEIRO, 2016: 26). Dessa forma, a obsessão com a morte recaiu sobre a personalidade literária Raphael Baldaya, expressa em seus escritos focalizando aspectos para com os quais os astros não contribuem, tais como: o que há antes do nascimento, acontecimentos pós-morte, ponto de partida social da sua vida, dentre outros. Se a vida é ação, o horóscopo também será, indicando de maneira abstrata esse pouco que o mundo vê.

Da morte: considerações finais

O presente estudo procurou evidenciar como Fernando Pessoa elaborou literária e simbolicamente a morte, tanto em relação a si mesmo quanto às figuras de Alberto Caeiro e Raphael Baldaya. Nesse contexto, o trespasse surge como elemento central de uma imaginação profundamente marcada pela construção mítica. A morte do mestre heteronímico, as previsões astrológicas atribuídas a Baldaya e as especulações de Pessoa sobre o próprio destino revelam uma relação singular com a morte, tema recorrente em suas ficções e reflexões.

Buscou-se demonstrar que, à semelhança das narrativas de auto-mitificação associadas à célebre carta de 13 de janeiro de 1935 e ao “dia triunfal” de 8 de março de 1914, também a astrologia desempenhou um papel importante na construção simbólica do universo pessoano. Articulados pelo próprio Pessoa, os astros contribuíram para consolidar a aura mítica do escritor, dos seus heterônimos e de sua obra. Assim, a astrologia não aparece apenas como curiosidade esotérica, mas como parte integrante da forma pela qual Pessoa interpretou a vida, a morte e a própria criação literária — verdadeiro mapa de sinais e correspondências simbólicas.

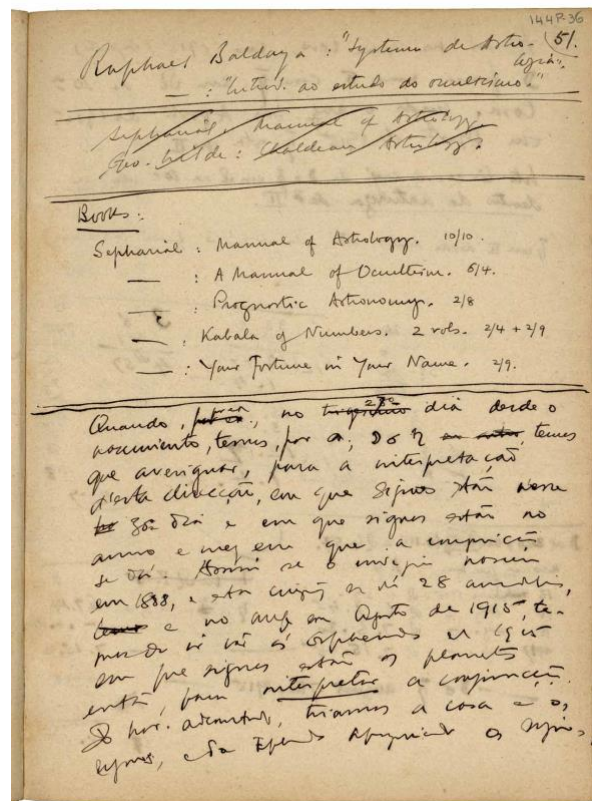


Fig. 6. Raphael Baldaya, Sistema de Astrologia (BNP/E3, 144P-36').

Bibliografia

- PESSOA, Fernando (2011). *Cartas Astrológicas*. Edição de Paulo Cardoso. Colaboração de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Bertrand Editora.
- CENTENO, Yvette K (1985). *Fernando Pessoa: O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- LISBOA, Claudia (2023). *Os astros sempre nos acompanham: um manual de astrologia contemporânea*. São Paulo.
- MAGNIEN, Michel (2016). "La Boétie and Montaigne". *The Oxford Handbook of Montaigne*. Philippe Desan (ed.). Oxford Handbooks <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190215330.013.6>
- PESSOA, Fernando (2018). *Obra completa de Alberto Caeiro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-China Brasil.
- ____ (2014). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, com a colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (2013). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (1989). *A Procura da Verdade Oculta: Textos Filosóficos e Esotéricos*. Edição de António Quadros. Lisboa: Europa-América. 2.^a ed.
- PIZARRO, Jerónimo (2023). *Ler Pessoa*. São Paulo: Tinta-da-China Brasil.
- RIBEIRO, Rogério (2016). *Fernando Pessoa: relações entre literatura e ocultismo*. Rio de Janeiro. Tese. Ver: Repositório Institucional da Universidade Federal Fluminense – RiUFF.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2001). *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

ANA CLARA MAGALHÃES DE MEDEIROS é Professora Adjunta de Literatura Portuguesa no Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). É Diretora da Cátedra Camões Agostinho da Silva da UnB e investigadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), como Bolsista de Produtividade em Pesquisa – nível 2. Coordena o projeto de investigação “Nós outros como futuro: interlocuções estéticas e rastros do Império nas literaturas ibero-atlânticas e afro-diaspóricas”, financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), reunindo investigadores do Brasil, Angola, Colômbia, Itália e Portugal em torno das literaturas de língua portuguesa dos séculos XX e XXI. Integra, desde 2024, a equipa de *Book Reviews* da revista *Pessoa Plural*.

ANA CLARA MAGALHÃES DE MEDEIROS is an Adjunct Professor of Portuguese Literature in the Department of Literary Theory and Literatures at the Institute of Letters of the University of Brasília (UnB). She is Director of the Camões Agostinho da Silva Chair at UnB and a researcher at the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), where she holds a Research Productivity Fellowship (Level 2). She coordinates the research project “Nós outros como futuro: interlocuções estéticas e rastros do Império nas literaturas ibero-atlânticas e afro-diaspóricas”, funded by the Research Support Foundation of the Federal District (FAPDF), bringing together scholars from Brazil, Angola, Colombia, Italy, and Portugal around twentieth- and twenty-first-century Portuguese-language literatures. Since 2024, she has been a member of the *Book Reviews* team of *Pessoa Plural*.

*

DAIANE RODRIGUES DA SILVA é autora da monografia de conclusão de curso intitulada “Um mapa de sinais mágicos em Fernando Pessoa e seus heterônimos” (orientação de Ana Clara M. de Medeiros), apresentada à Universidade de Brasília (UnB) em 2024. É licenciada em Letras – Português pela mesma instituição. Participou como monitora no “II Congresso Internacional Pessoa convida pessoas: 90 anos da *Mensagem*, 50 anos da Revolução dos Cravos”, realizado em Brasília, em maio de 2024.

DAIANE RODRIGUES DA SILVA is the author of the undergraduate dissertation entitled “A Map of Magical Signs in Fernando Pessoa and His Heteronyms” (supervised by Ana Clara M. de Medeiros), submitted to the University of Brasília (UnB) in 2024. She holds a degree in Portuguese Language and Literature from the same institution. She served as a student assistant at the “II Congresso Internacional Pessoa convida pessoas: 90 anos da *Mensagem*, 50 anos da Revolução dos Cravos”, held in Brasília in May 2024.